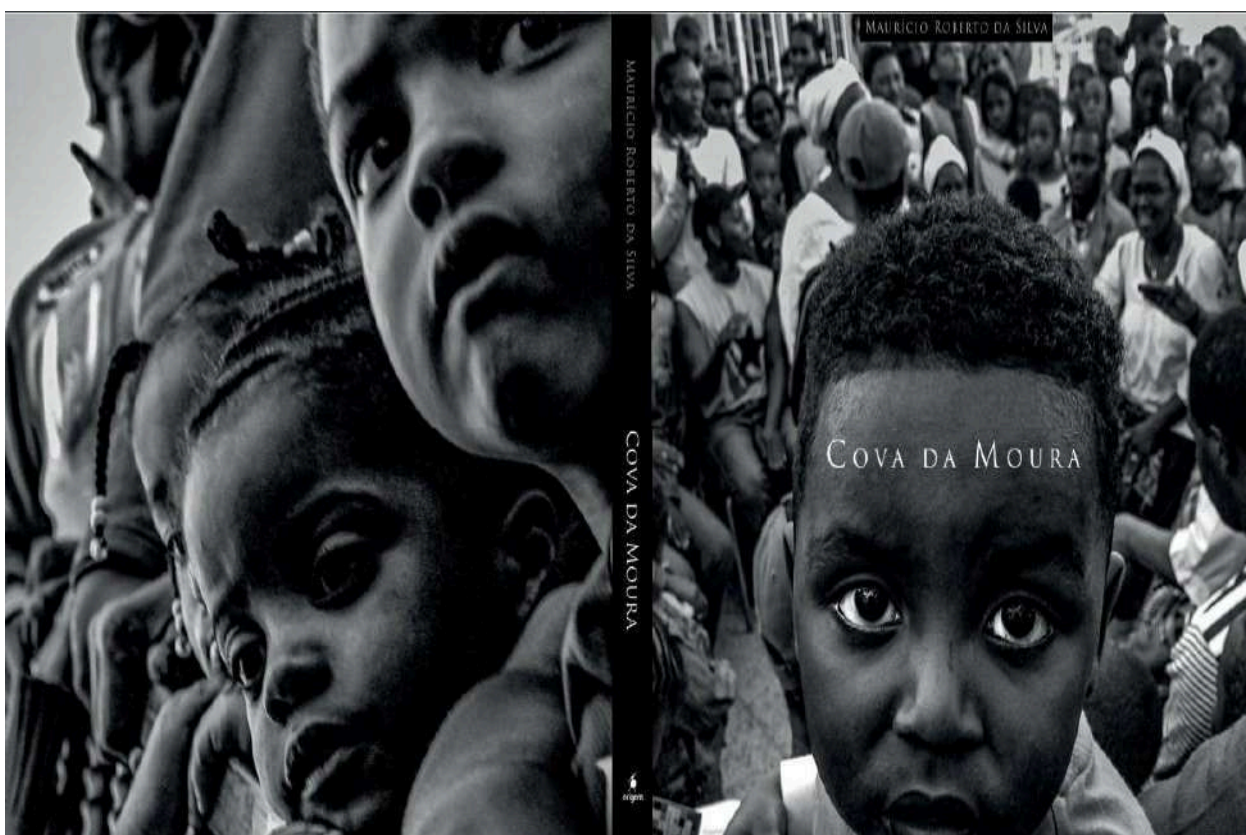


NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS DAS CRIANÇAS AFRO-LUSÓFONAS DE COVA DA MOURA - LISBOA¹

Maurício Roberto da Silva²

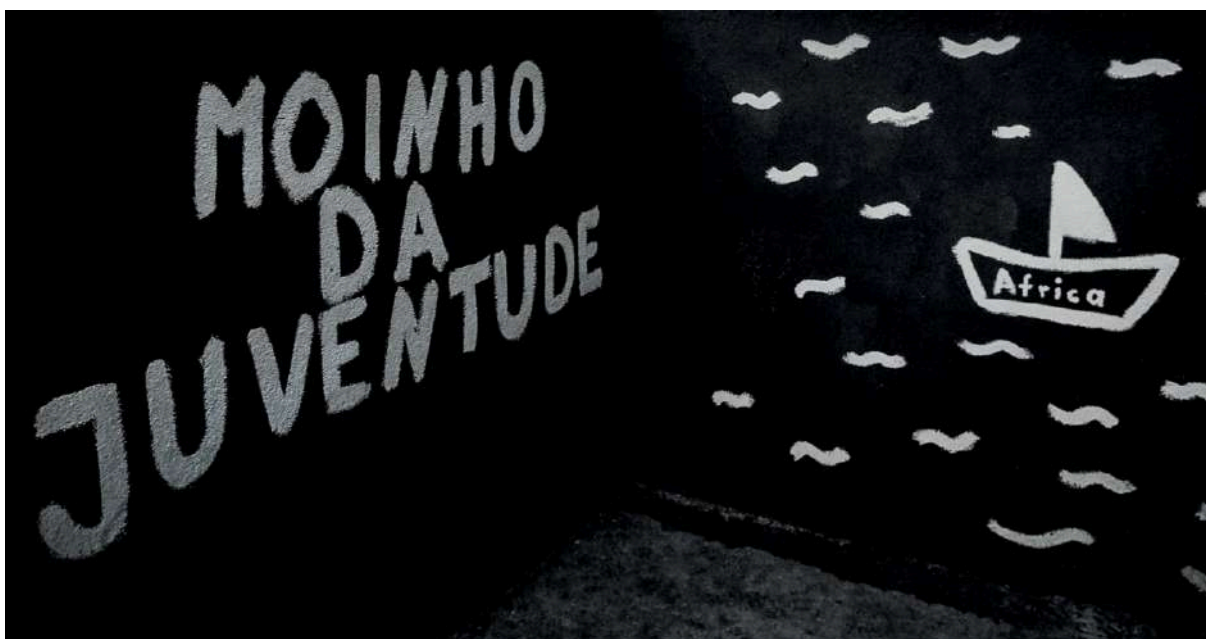


As imagens que estampam esse doto-livro, intitulado **NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS DAS CRIANÇAS AFRO-LUSÓFONAS DA COVA DA MOURA - LISBOA**, trazem em suas entrelinhas as especificidades das crianças de periferia da cidade de Lisboa, onde vivem famílias pertencentes à comunidade da Cova da

¹Artigo recebido em 16/02/2025. Aprovado pelos editores em 23/03/2025. Publicado em 09/04/2025. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v23i50.66971>.

²Doutor em Ciências Sociais Aplicadas à Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Fotógrafo com formação na “Escola Câmera Criativa” – Florianópolis. Autor dos livros de fotografia e texto “Trama Doce-Amarga e cultura lúdica. Exploração (do) Trabalho Infantil, São Paulo: HUCITE; Ijuí; UNIJUÍ 2003; “O sujeito fingidor”, Florianópolis: UFSC, 2001; “Cova da Moura”, São Paulo: Origens. 2022. É um dos editores da revista Motrivivência/CDS/UFSC- Florianópolis. Diretor de curtas-metragens publicadas no Youtube.

Moura- em sua maioria migrantes pertencentes aos PALOPS- Países de Língua Portuguesa, cujos países africanos de Língua portuguesa são: Cabo Verde, Angola, São Tomé e Príncipe, Moçambique e outros. As fotos fazem parte de uma das atividades de meu processo de pós-doutoramento, no período de 2007/2008, sob os auspícios da Capes, realizado na Uminho-Braga, sob a coordenação do Prof. Dr. Manuel Sarmiento e colaboração do Prof. Dr. José Machado Pais do ICS/Universidade de Lisboa. As fotos, na maioria retratos, foram produzidos durante as oficinas de Iniciação ao Teatro, tendo como conteúdo principalmente, os Jogos e Exercícios, oriundos do Teatro do Oprimido de Augusto Boal. As imagens foram coletadas durante as oficinas de jogos e brincadeiras de teatro e nos dias de festa organizados pelo Moinho da Juventude situado no bairro Cova da Moura na cidade de Lisboa. Trata-se de uma Associação Cultural Moinho da Juventude que desenvolve atividades em nível socioeducativo, sociocultural, socioprofissional, informação/apoio jurídico e social. O projeto educativo não-escolar, envolve crianças, jovens, adultos e idosos da comunidade Cova da Moura. O Moinho da Juventude, tem por âmbito de ação o desenvolvimento comunitário, a promoção da relação de sinergias estimulando a partilha de competências e a responsabilidade pessoal e grupal, tendo como missão: “Um outro mundo é possível se a gente quiser”³.



³ <https://moinhodajuventude.com>

As imagens presentes na mostra em apreço, tem como escopo, retratar algumas facetas da vida cotidiana das crianças, privilegiando uma narrativa visual, que possa expressar, com o apoio de versos, a vida cotidiana das crianças e suas representações sobre os conflitos e encruzilhadas identitárias, no que se refere ao fato de já não serem mais africanas e nem serem consideradas cidadãs portuguesas, ainda que lusófonas de fato e de direito; além de todos esses dilemas, o racismo, a falta de oportunidades de trabalho para os adultos e jovens. Em suma, as fotos pretendem recuperar as memórias desse projeto realizado de 2007/2008 em Lisboa, com vistas a denunciar o racismo contra a comunidade cem por cento negra da Cova da Moura, situada nos arredores da cidade de Lisboa e, neste sentido, fortalecer as lutas antirracistas das famílias, suas crianças e jovens, adultos e velhos/velhas – que vivem as agruras de viverem numa sociedade branca e, que, de algum modo, ainda pensa a sociedade portuguesa a partir de uma visão ainda colonialista. Por outro lado, vale ressaltar, que busquei, com minha câmera, clicar apenas as positivities das práticas cotidianas ou a “grandeza e riqueza da vida cotidiana”⁴: brincadeiras, festas, olhares, sorrisos, cultura popular africana entre outros aspectos.

Passados aproximadamente 17 anos, o intuito é recuperar nesse ensaio fotográfico, as narrativas documentais da vida cotidiana da comunidade Cova da Moura. Além disso, essa mostra combina narrativas visuais com o apoio da linguagem do rap da comunidade intitulado *“Lisboa Não Sejas Racista - Fado Bicha”* de *Tiago Lila Fadista e João Caçador*, além das ideias de Edurne Juan e Donizete Rodrigues.

Vale destacar que essa produção visual, poderá contribuir para a reflexão das pesquisas e produções iconográficas sobre a situação das comunidades quilombolas e populações ribeirinhas no Brasil, em especial, das crianças e jovens e suas famílias, imersas na eterna desigualdade social que se traduz na miséria material e violência do racismo estrutural e policial, que ronda as periferias das cidades brasileiras.

⁴ LEFEBVRE, Henri: **A vida cotidiana e o mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991, 42.





*Revisita a tua história Senhora Lisboa Aprende a quem
deves memória. Os caídos da tua coroa, mas ouvi dizer
que agora queres fazer um museu da lusa aventura
Chega de enaltecer um império assente em escravatura.*





Sou apenas um jovem negro, residente do subúrbio, Cova da Moura, onde a miséria e a injustiça flagela-nos diariamente. Como eu não tenho ao meu dispor os media para mostrar a sujeira desse sistema parasita e cruel, que nos mantém oprimidos, que nos atropela com a sua ganância, tenho o Rap, a minha arma contra a

*opressão e farei dela uma ferramenta para a revolução»
(LBC).*



*Lisboa, não sejas racista De visão simplista Só te fica
mal Lisboa, a Joacine diz-te O racismo persiste Porque
é estrutural Lisboa, mas sempre na berra Ouves-te a
falar? Lisboa, não sejas racista Um psicanalista Podia
ajudar.*



*Lisboa, não sejas racista Sorriso trocista Às queixas que
há Lisboa, celebra a Beatriz O que a mulher negra diz E
o Mamadou Ba Lisboa, com ecos de PIDE A vir de
Alfragide Segurança pra quem? Lisboa, não sejas
racista Cassetete fascista É bosta e bem.*



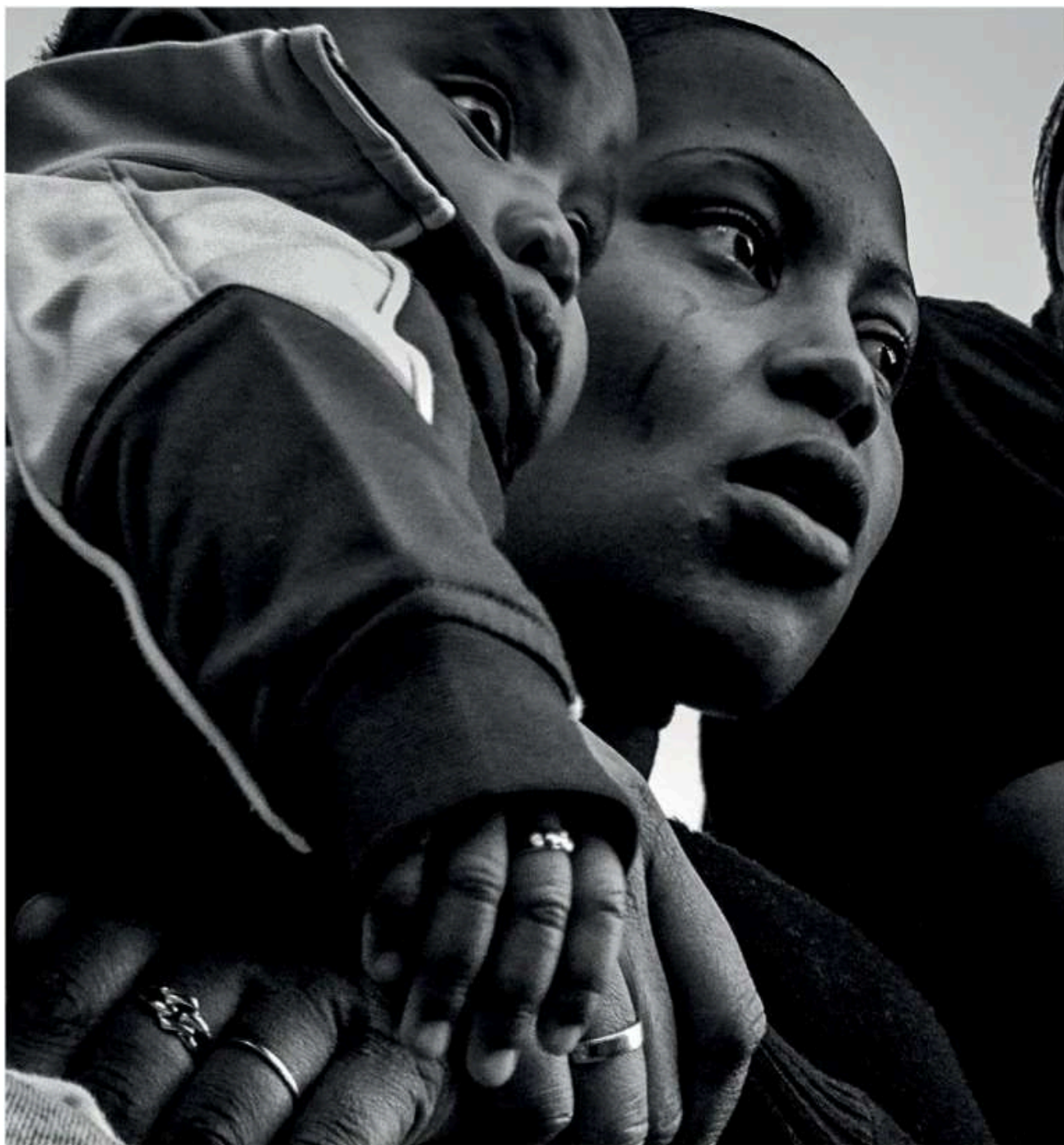
*Lisboa, não sejas racista Colonialista De civismo à Brás
Lisboa, destino traçado Na escola colado À mesa de
trás Lisboa, limpa por mulheres Às quais não conferes
Direito a sonhar Lisboa, não sejas racista É tão
quinhentista Vê se mudas de ar.*



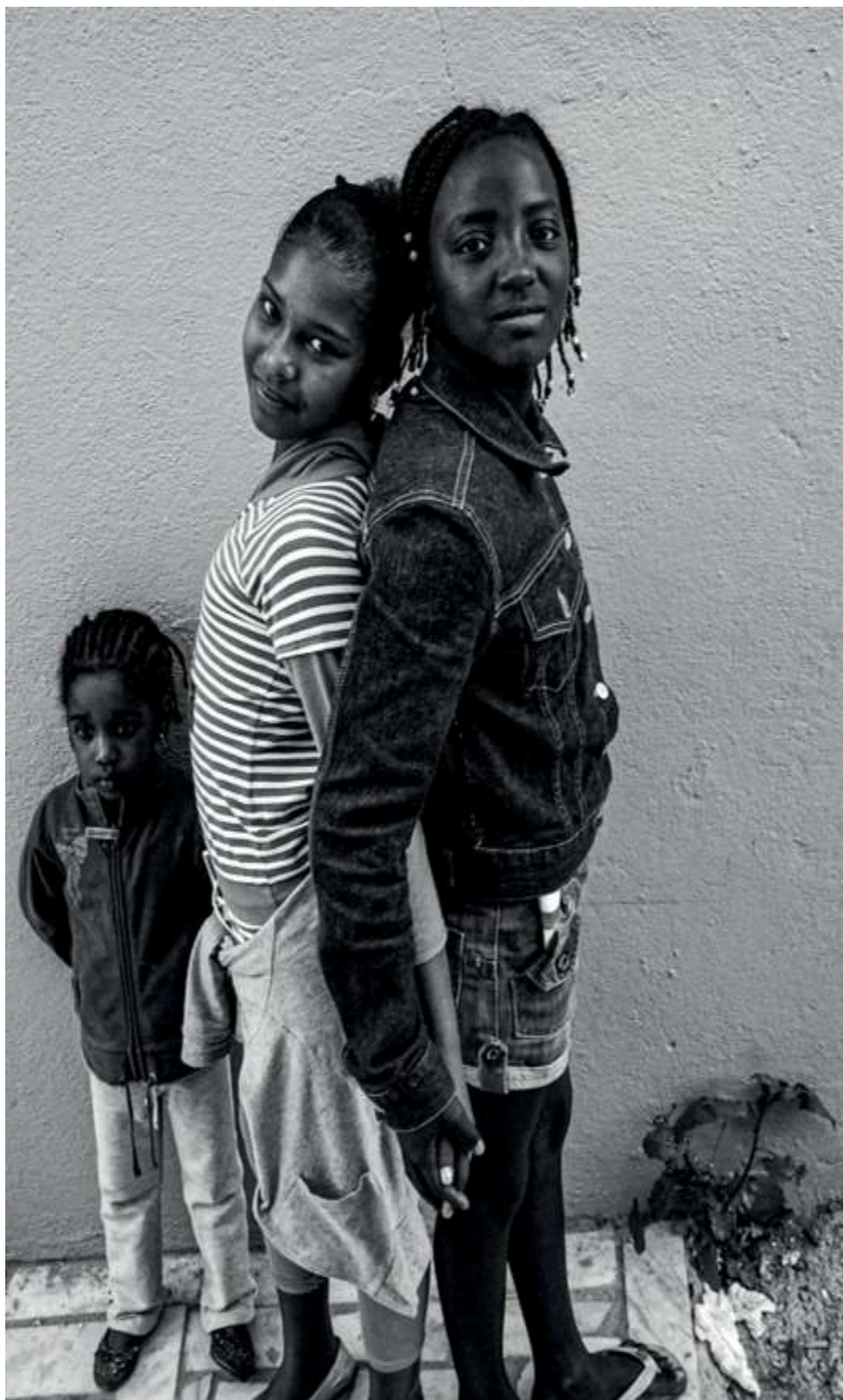
Lisboa, não sejas racista Não é só pra turista Vir e ocupar Lisboa, não sejas racista Velha cavaquista Não queiras voltar Lisboa, não sejas racista E crê que esta lista Não vai amansar Lisboa, não vives não falas Tira-me essas palas E aprende a escutar “Lisboa Não Sejas Racista - Fado Bicha” de Tiago Lila Fadista e João Caçador.



*Dizes que não és racista Senhora Lisboa Vou dar-te só
uma pista E olha que não falo à toa Lembras-te do
quanto Chutaste para canto Quem filho do Império fora?
Bastardos serão, portanto Do Jamaica à Cova da
Moura.*









*Licores na moringa um vinho tropical E a linda mulata
com rendas do Alentejo De quem numa bravata
arrebato um beijo aí, esta terra ainda vai cumprir seu
ideal ainda vai tornar-se um imenso Portugal! [...] Aí,
esta terra ainda vai cumprir seu ideal ainda vai tornar-se
um império colonial! Ai, esta terra ainda vai cumprir seu
ideal ainda vai tornar-se um império colonial (Fado
Tropical, de Chico Buarque de Holanda).*

